

O BANQUETE DO REI



BARROS, José Flávio Pessoa de. *O banquete do rei... Olubajé: uma introdução à música afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000. 184 p.

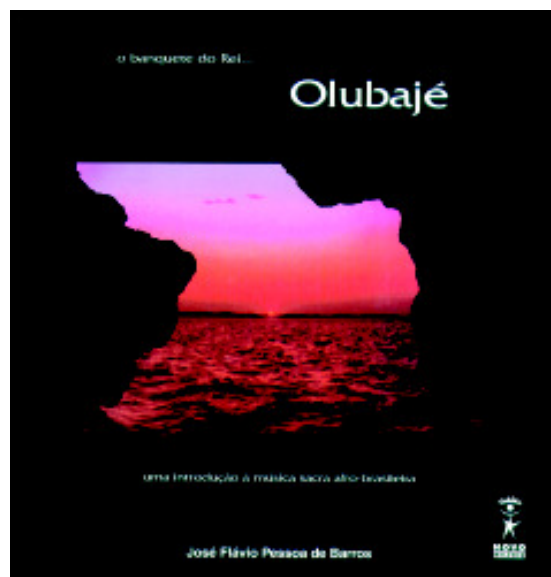


FOTO: TELMA GAMA – CAPA DO LIVRO

Modestamente, o Prof. José Flávio denomina este seu livro de “uma introdução”. Na verdade, trata-se de um estudo etnográfico que aborda a cultura ancestral afro-brasileira, num corte vertical exemplar. Tomando como foco o *olubajé*, uma festa consagrada ao orixá *Omolu*,

Ruy do
Carmo
Póvoas¹

¹Coordenador do Kàwé, professor de Língua Portuguesa, UESC.

o autor constrói um modelo prático de abordagem em que a herança dos antepassados se constitui assunto básico.

No perfeito domínio da palavra escrita, com rigor acadêmico, ele mostra a riqueza da palavra cantada da qual as comunidades de terreiro se fizeram guardiãs. Não é a palavra de um curioso; é a fala de um porta-voz. E este fazer é sustentado por um coro de muitas e muitas vozes, desde as oficialidades, aos participantes de terreiros de candomblé. Assim, a UERJ, através do seu Departamento Cultural e do Centro de Tecnologia Educacional, o Projeto CAPES/COFECUB, somados à compreensão e alcance da Fundação Castro Maya e de inúmeros acadêmicos, alcança a comunidade mais ampla e cumpre o seu papel, no apoio à concretização deste trabalho de fôlego.

Assim, a comunidade de terreiro torna-se campo reconhecido em sua legitimidade e pode revelar a riqueza dos valores originados de seu fazer e de seu viver que, afinal, é parte integrante da cultura brasileira como um todo. O próprio autor, no *Agradecimento*, afirma: “Este trabalho é uma obra coletiva...” E aí vem, mais uma vez, o exemplo de como trabalhar a questão da africanidade: a parceria, a união de muitas vozes, para que uma voz, antes perseguida, agora tenha foros de cidadania. Não basta um autor dedicado. Não é suficiente apenas que um Departamento queira explorar uma temática. Não vale somente des-

cobrir que uma comunidade se constitui a riqueza cultural que precisa ser revelada. E o trabalho do Prof. Flávio, pleno de axé, é a revelação de um caminhar, de um construir em que muitas crenças contribuem para pôr abaixo o preconceito.

Livro bem acabado, primorosamente ilustrado: livro para ser lido, pra ser visto, para ser ouvido. E tudo isso feito e realizado a partir de uma perspectiva que escapole da visão eurocêntrica, revelando a beleza da herança africana incorporada à cultura brasileira. Gravuras de Debret e ilustrações de Sérgio Nascimento conferem ao livro um toque de classe. O trabalho musical de Dil Fonseca constrói a ligação entre a impressão gráfica e a riqueza dos cânticos gravados no CD que acompanha a obra. Tudo isso vem sendo puxado por um carro-cheffe extremamente criativo, de um gosto revelador de sensibilidade: a foto da capa, de Telma Gama. Da boca de uma caverna, avista-se a imensidão do oceano em cujas lonjuras um sol avermelhado se põe. Verdadeira alegoria a nos transportar para a África, através do Atlântico, embarcados no sol crepuscular que nos informa a chegada da noite, quando começa o *xirê*, a festa para os orixás nos terreiros de candomblé.

Guiados pelo autor, o leitor-ouvinte vai viajando por este Brasil que também é africano, por aquela África que até hoje se faz presente no sangue dos brasileiros. É noite de festa, a orquestra inicia seu toque mágico, os con-

vivas se levantam. Os orixás adentram o barracão, as vozes ecoam cânticos milenares, numa verdadeira louvação poética ao Criador. Em êxtase de alegria, criadores e criaturas celebram a festa da vida. Todos comem e bebem, numa verdadeira e profunda aceitação do dom maior: a vida.

Para que o leitor-ouvinte seja envolvido e plenificado de reconhecimento daquilo que também é seu, porque faz parte de um contexto mais amplo, o autor vai, pé ante pé, pausada e gentilmente, percorrendo o que se pode chamar momentos de seu “roteiro” tão bem traçado. Primeiro, a apresentação que globaliza e contextualiza a questão da africanidade, na palavra segura de Vanda Ferreira, seguida dos agradecimentos tecidos com cordialidade e prazer. Em seguida, um outro momento com o recorte da comunidade de terreiro em suas origens e expansão. Momento rico de detalhes, com descrição objetiva dos sons, da orquestra, dos ritmos do candomblé.

No cerne do livro, talvez o momento mais rico, um apanhado de poemas religiosos para serem cantados, ao som da orquestra sagrada. E acompanhando os poemas litúrgicos, um trabalho de tradução aproximada com os fatos da cultura e costumes de hoje. É o *xirê*, a dança em que os orixás revelam-se e interagem com os adeptos e fiéis do terreiro. Justamente nesse momento, a integração livro-CD atinge seu ápice, um complementando o

outro. Se bem que se trate apenas de um registro dos cânticos do candomblé consagrados a alguns dos orixás presentes ao *olubajé*, por isso mesmo, a obra é documental. E ainda, por isso, se constitui valiosa fonte de consulta, de pesquisa, de análise e também de leitura prazerosa, tendo em vista o bom gosto, o esmero, o cuidado com que o trabalho se reveste. Orquestra, vozes, informações escritas, tudo isso compõe um único bloco.

Seguem-se outros momentos do livro que o enriquecem: as partituras musicais, a coleção de imagens, um glossário e a referência bibliográfica. Fecha-se o volume de 184 páginas exemplares, mas ficam na alma do leitor-ouvinte uma grata satisfação de ter participado de *O banquete do rei*. A felicidade de ter vivido um momento de privacidade com o divino que se debruça sobre a Terra, domínio de *Omolu*, em busca de seus filhos, os humanos, que anseiam por se tornarem divinos também.

Justamente por causa disso, vale a pena entender e reviver o enredo do *olubajé*, tão bem apresentado neste livro. Tal qual acontece, quando *Omolu* realiza sua dança mágica, presente ao *banquete*, a narrativa enxuta e objetiva de José Flávio também concorre para tirar de muitos que o lerem as mazelas do preconceito.

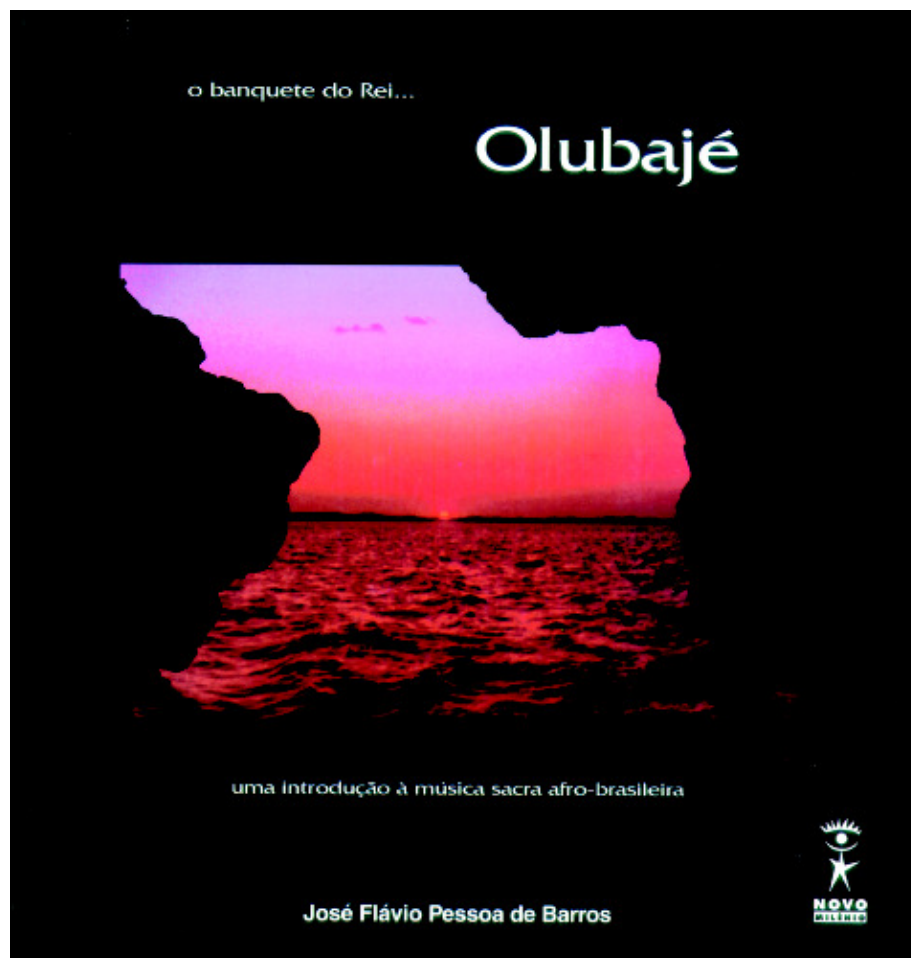


FOTO: TELMA GAMA - CAPA DO LIVRO